



Shutterstock

O fotojornalismo tem sido um dos mercados mais afetados pelas mudanças tecnológicas nos meios de comunicação

COACHING PODE MUDAR OS rumos profissionais

Confira a história de Adi Leite e Toni Pires, dois renomados fotojornalistas, que acabaram se envolvendo com esse processo para ter uma nova perspectiva

POR SÉRGIO BRANCO

O termo *coaching* ainda provoca desconfiança, preconceito e muitos o associam a certa “picaretagem”. Dois profissionais renomados, que trabalharam no jornal *Folha de S. Paulo* como repórteres fotográficos e também como editores de fotografia, viam o *coaching* dessa forma. Mas a busca por uma mudan-

ça na carreira os levou ao encontro do processo, que se baseia na conquista de objetivos pelo autoconhecimento: Adi Leite, 56 anos, se tornou *coach* (o profissional que aplica a metodologia do *coaching*), e Toni Pires, 53, um *coachee* (o cliente desse profissional). “Confesso que tinha o maior preconceito. Mas quando vi que o Adi, um cara que

conheço há anos e em quem confio, havia se tornado *coach*, resolvi experimentar. E não me arrependi. Pra mim funcionou”, declara Toni.

Adi Leite virou *coach* por ceticismo. Também em busca de uma luz para o que poderia fazer fora da fotografia, recebeu a indicação de procurar um *coach*. “Não levava muita fé. Pesquisei e achei ca-

O processo de *coaching* pode ajudar fotógrafos a enxergar novos horizontes para a profissão

ro o que queriam me cobrar. Pensei: 'em vez de pagar alguém, vou fazer o curso de *coaching*. Aí descubro se funciona'. Essa decisão mudou a minha vida", diz Adi. Ele se matriculou na Sociedade Brasileira de Coaching e saiu de lá, no início de 2015, com formação em Coaching Profissional e Pessoal. Depois, fez mais dois cursos: Coaching de Carreira e Coaching Executivo e de Negócios. Planeja ainda fazer os de Mentoring Coaching e Master in Coaching. "Sempre gostei de estudar, e toda a bagagem de conhecimento que adquiri ao longo da vida eu utilizo no meu trabalho de *coach*", explica Adi.

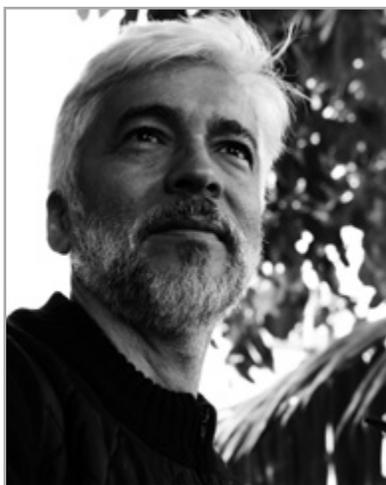
Graduado em Jornalismo, ele tem uma trajetória de 30 anos como fotógrafo profissional, foi um dos criadores do primeiro portal de fotografia na internet brasileira (o Fotosite) e deu aulas de Fotografia, Fotojornalismo e Linguagem Fotográfica nas universidades Anhembi-Morumbi e Metodista. Estudou também Arte Contemporânea e Design. Pelo lado holístico, envolveu-se a fundo com o budismo e tem formação em terapias florais, chi kung, reiki e medicina tradicional chinesa. Ao terminar o curso de *coaching*, percebeu que poderia usar tudo isso para construir uma metodologia, que define como "abordagem integral".

Nela entram os cinco elementos da medicina chinesa (água, madeira, fogo, terra e metal) e seus conhecimentos terapêuticos. "Preparo o *coachee* fisicamente para que possa fazer o processo. Nas primeiras sessões, por exemplo, ele aprende a respirar e a controlar a respiração para lidar com momentos de estresse. Depois, passa ainda por um treinamento que ajuda a regular fisiologicamente o organismo", explica.

Segundo Adi, são ações queaju-



Shutterstock



Autorretrato



Adi Leite (à esq.) estudou para se tornar *coach* e um dos seus clientes foi Toni Pires (à dir.), que via o processo com muita desconfiança e acabou surpreendido

dam o *coachee* a tomar decisões com mais clareza, pois ele fica fortalecido em termos fisiológicos, diz Adi. E tudo corre paralelamente à aplicação de ferramentas específicas de *coaching*. "O que faço não é terapia, que fique claro. É uma busca do *coachee* pelo autoconhecimento, com análises de forças e fraquezas. Em geral, são cinco etapas a cumprir: pré-contemplação, contemplação, planejamento (ou preparação), ação e manutenção. Tudo para que o indivíduo consiga

enxergar novos caminhos profissionais e colocar em prática as mudanças necessárias para atingir o objetivo", resume Adi Leite.

REINVENÇÃO

Há quase quatro anos atuando como *coach*, Adi informa ter trabalhado com cerca de 180 pessoas, a maioria da área criativa (jornalistas, fotógrafos e publicitários), e alega que as mulheres são mais abertas, ligadas e focadas enquanto os homens são mais céticos, gostam



Adi Leite

Imagem do documentário *Circense*, de Adi Leite, feito no final dos anos 1990: hoje se dedica mais ao *coaching* que à fotografia



Adi Leite/autorretrato

de fazer gozação com os métodos e têm mais dificuldade com o *coaching*. Ele também não atende a todos que o procuram. “Faço uma entrevista antes e tento ver se a pessoa está preparada para o que tenho a oferecer. Quem toma antidepressivo, por exemplo, dificilmente pode fazer um processo de *coaching*, apesar de haver exceções”, comenta. O processo leva de 10 a 12 sessões e custa R\$ 7.200, informa.

Adi explica que jamais diz o que um *coachee* tem de fazer para mudar o rumo da carreira ou buscar uma nova profissão. “Faço perguntas e quero respostas. Pergunto às vezes coisas que ele nunca ouviu. Ele tem que dar uma resposta, não pode fugir do problema”, diz. Segundo ele, há muita resistência em mudar de comportamento e de atitudes. Se a pessoa não perceber o problema, não muda. Quando ela passa a ter uma visão mais clara do pro-

O fotojornalista Adi Leite em seu escritório na capital paulista, onde atende clientes na sua nova função de coach

blema e de como superá-lo, começa a fazer as mudanças necessárias de forma mais segura. E aí, é preciso ter disciplina e perseverança para tomar um novo rumo, seja na carreira, seja na profissão. “O processo envolve todos esses passos”, conta.

Foi assim com Toni Pires. Ele havia voltado ao Brasil na metade de 2016, depois de quase dois anos na China como fotógrafo da agência Reuters e colaborador do jornal americano *Los Angeles Times*. Além de precisar redefinir caminhos profissionais, uma separação recente também o afligia. “Foram três meses de trabalho com o Adi. A primeira sessão foi presencial e depois nos falávamos por Skype. Consegui enxergar novos caminhos, pois o que eu sabia fazer na fotografia já não me adiantava mais. Ele foi peça-chave no processo de mudança. Mexeu com meus medos, anseios e inseguranças. Me senti reinventado e hoje tenho um tremendo prazer no que faço”, afirma Toni.

Atualmente, ele trabalha de forma independente, faz projeto de documentários de fotografia e vídeo



Fotos: Toni Pires



Acima, retratos do trabalho feito por Toni Pires para o Fundo Brasil de Direitos Humanos com índios guaranis urbanizados da Aldeia Jaraguá, de São Paulo (SP)

para empresas e entidades, como o Centro Europeu de Jornalismo. Toni se define como um contador de histórias, e vai atrás delas e de quem financie a produção. “Estou trabalhando no projeto Education in Transition, financiado pelo Centro Europeu, que trata de professoras trans na educação na América Latina. Fomos os únicos latinos escolhidos do mundo todo entre 276 projetos”, informa. Um projeto recente foi realizado com o povo guarani da Aldeia Jaraguá, no Pico do Jaraguá, em São Paulo (SP), financiado com uma bolsa do Fundo Brasil de Direitos Humanos. Ao analisar a crise no fotojornalismo, ele é direto: “Vejo muitos fotojornalistas, principalmente os da minha geração, como gente teimosa, que não gosta de estudar e acaba ficando perdida profissionalmente”.

Para Adi Leite, o fotojornalismo e todas as profissões ligadas à comunicação estão em transformação, e isso tirou certo comodismo, obrigando muitos a repensar a carreira. “Mudanças criam ameaças. Amea-

ças geram conflitos. Conflitos resultam em crises. O fotojornalista está em crise. A indústria que fomentava a profissão mudou. O que tenho visto é que profissionais de eventos sociais e do setor corporativo estão mais bem organizados, passando por essa fase de uma forma menos turbulenta. É um momento que não aceita mais amadorismos. A concorrência é muito grande. Vejo que muitos fotojornalistas reclamam bastante e outros inovam, se reinventam, criando uma nova maneira de exercer a profissão”, avalia.

Para o experiente fotógrafo-coach, a única saída para superar desafios impostos pelo mercado é o profissionalismo, em todos os sentidos. “É preciso entender que uma carreira não se constrói com uma boa foto e sim com uma trajetória. Valores como ética, respeito e honestidade são a base para o desenvolvimento profissional. Além disso, é preciso saber aonde se quer chegar. E para cumprir essa missão, é preciso se preparar”, ensina.

Shutterstock



Para Adi Leite, os fotojornalistas precisam inovar e se reinventar